

AGROECOLOGIA NA ECONOMIA URBANA: A EXPERIÊNCIA DE FEIRAS LIVRES DOS AGRICULTORES DO ASSENTAMENTO SEPÉ TIARAJU, SERRA AZUL - SP

Rafaela de Oliveira Mine¹
Luiz Octávio Ramos Filho²
Stephanie Mesquita³
Igor Duarte⁴
Joel Leandro Queiroga⁵

RESUMO

O espaço é formado por disputas e conflitos que tensionam à medida que seus agentes sócio formadores lutam para ocupá-lo, construindo novas ideias e transformando a sociedade. A subversão de valores convencionais e hegemônicos no campo promovida pela Reforma Agrária e pela prática de sistemas agroalimentares se manifestam no meio rural e no espaço com a adoção de sistemas de produção mais sustentáveis e biodiversas. Baseado na experiência vivenciada em feiras realizadas pelos agricultores do assentamento Sepé Tiaraju, (Serra Azul e Serrana, SP), promovida pela V Vivência no Assentamento organizada pela Embrapa Meio Ambiente, que ocorreu no período de 29 de janeiro a 04 de fevereiro de 2018, o presente trabalho tem como objetivo relatar como são as feiras livres realizadas por agricultores assentados nos municípios de Ribeirão Preto e Serra Azul durante os finais de semana, bem como analisá-las como resultado de ações e intervenções de agentes não hegemônicos nos sistemas econômicos do espaço, que viabilizam e estimulam os circuitos inferiores da economia urbana, por serem um dos canais de comercialização e de obtenção de renda dos agricultores assentados, além de trazer vantagens aos consumidores através do consumo de alimentos agroecológicos e das relações vendedor-consumidor formadas pela boa qualidade do produto e pelo contato direto com o produtor. Salienta-se ainda que, a valorização da propagação da cultura de feiras livres é legitimado pela autonomia do agricultor nos processos de produção de alimentos e pelo respeito aos limites de produção da terra, uma resistência que vai de encontro com o atual cenário agronegócio brasileiro.

Palavras-chaves: Feiras; Comercialização; Assentamento; Sistemas biodiversos.

INTRODUÇÃO

A reforma agrária no contexto nacional acontece através da ruptura de valores concentradoras de terra e escravocratas, redistribuindo a terra e elevando os padrões de vida da população rural, e que consiste em, segundo PRADO, 2000,

“que proporcione ao trabalhador rural proteção legal adequada que lhe assegure melhores condições de vida (...) e modificação da estrutura fundiária rural no sentido de corrigir a extrema concentração que caracteriza essa propriedade, a fim de proporcionar aos

¹ Graduanda em Geografia - Unicamp; mine.rafaela@gmail.com

² Embrapa Meio Ambiente; luiz.ramos@embrapa.br

³ Graduanda em Agronomia; stephmesquita@hotmail.com

⁴ Graduando em Ciências Biológicas; duarte.igorr@gmail.com

⁵ Embrapa Meio Ambiente; joel.queiroga@embrapa.br

trabalhadores rurais maiores oportunidades de acesso à posse e utilização da terra em proveito próprio”

O melhoramento da qualidade de vida rural está vinculada com a autonomia dos agricultores na produção, bem como a escolha de formas de produção, alimentos produzidos, utilização ou não de insumos químicos e agrotóxicos, forma de capitalização e preço da sua mão-de-obra.

A ABA (Associação Brasileira de Agroecologia) define em seu estatuto (artigo 2º, parágrafo 1º) a Agroecologia como ciência, movimento político e prática social, portadora de um enfoque científico, teórico, prático e metodológico que articula diferentes áreas do conhecimento de forma transdisciplinar e sistêmica, orientada a desenvolver sistemas agroalimentares sustentáveis em todas as suas dimensões. A reforma agrária e a agroecologia, portanto, andam em conjunto buscando a modificação de valores dominantes no campo, nos sistemas de produção e consumo, proporcionando a garantia de direitos dos trabalhadores rurais e o respeito aos limites da terra. Como exemplo, será relatado neste trabalho a experiência em feira agroecológica dos agricultores assentados do Sepé Tiaraju, desde o manejo dos alimentos em SAF até as relações de comercialização e analisaremos o impacto gerado por essas feiras na economia urbana e na propagação desses novos valores.

1. ASSENTAMENTO SEPÉ TIARAJU - SERRA AZUL/SP

O assentamento Sepé Tiaraju foi criado oficialmente em 2004 com a proposta de ser o primeiro assentamento de Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) do estado de São Paulo, uma modalidade de assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que restringe o uso de insumos químicos e agrotóxicos nos sistemas de produção e condiciona a restauração ecológica das áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal. A oficialização do assentamento Sepé Tiaraju foi uma conquista considerando que a Região de Ribeirão Preto se encontra em um polo de produção canavieira e de forte agricultura patronal.

O Assentamento Sepé Tiaraju, antiga Fazenda Santa Clara foi formado a partir de uma jornada de ocupação organizada pelo MST no dia 17 de abril de 2000, com famílias da periferia da região de Ribeirão Preto, Matão e Barretos que ocuparam a área de 414 alqueires e iniciaram um longo processo de luta. Após sucessivos despejos judiciais e novas ocupações, em 2004, o Assentamento Sepé Tiaraju foi criado em uma área aproximada de 797 hectares e o direito a terra foi garantido para as famílias acampadas.

De forma pioneira, o INCRA seguiu o modelo do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS), criado originalmente para projetos na Amazônia. A proposta do PDS-Sepé Tiaraju era de reverter a situação de degradação ambiental da antiga Fazenda Santa Clara, que se encontrava sob a monocultura de cana de açúcar. Atualmente, o Sepé consolidou uma proposta diferenciada, centrando a sua matriz tecnológica na Agroecologia e ênfase em Agroflorestas, tendo a cooperação de diversos atores, agricultores assentados, pesquisadores, universitários e parceiros, como eixo da organização produtiva.

2. V SEMANA DE VIVÊNCIA NO ASSENTAMENTO SEPÉ - 29 de janeiro a 04 de fevereiro de 2018

As vivências organizadas pela equipe de Agroecologia da Embrapa Meio Ambiente - Jaguariúna/SP, surgiram pela demanda de promover a criação de redes de interações, trocas de experiências e definir ações no âmbito da agroecologia entre agricultores, pesquisadores,

universitários e parceiros, além de proporcionar espaços de convívio cotidiano desses atores com a realidade dos agricultores em assentamentos de reforma agrária.

A partir de um crescente aprendizado ocorrido no planejamento e realização de outras 4 vivências anteriores, que com o passar do tempo foi aumentando em tempo e tipos de atividades, esta V vivência foi programada durante uma semana e contou com a imersão dos participantes no cotidiano dos agricultores assentados, que viveram com a família do lote durante toda a semana, e com mutirões abordando diversas operações de manejo de agroflorestas em diferentes lotes do assentamento, visitas entre os lotes, participação em reuniões das Cooperativas, troca de conhecimentos, cultural e atividade de feiras. As expectativas dos viventes era em suma vivenciar um pouco o dia a dia do agricultor assentado e conhecer suas dificuldades frente à produção, comercialização de seus produtos e o reconhecimento dos mesmos no mercado consumidor. As atividades de preparativos das feiras que algumas famílias do assentamento realizam, foram intercaladas durante a semana da vivência, e somadas as atividades, resultaram na comercialização dos alimentos produzidos no SAF, atendendo as expectativas dos viventes em relação ao mercado e auxiliando os agricultores com mão-de-obra para a produção no tempo da vivência.

3. FEIRAS LIVRES DE RUA

As feiras livres de rua que contam com a participação de alguns agricultores do Assentamento Sepé Tiaraju que comercializam alimentos produzidos em sistemas agroflorestais sem o uso de agrotóxicos ou fertilizantes químicos e em conformidade com os critérios de produção de alimentos orgânicos da Lei 10.831, sancionada em 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tais quais

“Art. 1º . Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.” (BRASIL, 2003)

Através dessas feiras, os agricultores do Sepé comercializam os seus produtos, levando em conta recursos financeiros disponíveis para investimentos, a disponibilidade de mão de obra existente no lote e os limites de produção da terra e das demandas de recuperação ambiental, visto que a área era uma antiga fazenda de monocultura de cana-de-açúcar que apresentava este passivo ambiental. Pode-se afirmar que, essas feiras livres são importantes para pela geração de renda pelos agricultores assentados que também passam a exercer mais uma atividade profissional, como classe trabalhadora de feirantes. As feiras livres representam um canal de comercialização interessante e de maior rentabilidade para o escoamento da produção agroecológica, proporcionando que um número maior de consumidores tenha conhecimento e consiga consumir alimentos de melhor qualidade.

3.1 FEIRA DE RIBEIRÃO PRETO

Ribeirão Preto é um município brasileiro no interior do estado de São Paulo com a população estimada pelo IBGE em 2017 em 682.302 habitantes. De acordo com o site da prefeitura de Ribeirão, a cidade conta com 5 feiras ambulantes e uma feira noturna das 16h às 21h. O lugar escolhido para a feira pelo agricultor é sempre no cruzamento da rua Monte Alverne com a rua 2 de Julho, em frente ao estabelecimento Pet Shop Da Villa. Na rua 2 de julho ocorrem as feiras de domingos, entretanto o agricultor aparece lá esporadicamente aos sábados ou aos domingos, dependendo da outra feira que ele participa no centro de Serra Azul e do ganho que ele precisa, uma vez que a feira em Ribeirão Preto, independente do dia, é mais lucrativa para ele pelo maior número de clientes.

Para a feira de Ribeirão preto, acompanhamos a agricultora Josi e o agricultor Jurandyr durante todo o processo de preparação dos alimentos até a feira. As atividades voltadas para a feira eram intercaladas com a programação da vivência pois a preparação de alimentos como a banana e a mandioca, duravam a semana inteira. Os preparativos da feira começaram logo cedo, na terça-feira (30/01) com a colheita e despenca da banana. Para a maturação da banana realizada uma técnica criada pelo próprio agricultor, através de processo natural em estufa caseira, onde em um pequeno ambiente fechado, sem entrada de ar, as bananas ficam descansando em uma cama de capim em decomposição. Na sexta (02/02) durante a tarde, foram colhidos milho, mandioca e quiabo pelo agricultor, e limão e abacate pela agricultora e sua filha. A limpeza e descasque da mandioca também foi feita na sexta pela agricultora e pelas viventes que estavam no lote. Todos os alimentos foram colhidos no lote dos agricultores que conta com uma área de SAF.

Figura 1: Preparativo para a feira, atividade de despenca do cachos de banana pela vivente.



As mercadorias da feira foram organizadas na pick-up do agricultor, finalizando os preparativos para a feira.

Já em Ribeirão Preto, no dia da feira, foi possível identificar outro tipo de comercialização de produtos do agricultor, o qual é sempre combinada previamente com o comprador, que chegou às 6h30 para levar duas caixas de mandioca. O contato foi direto entre agricultor e comprador através do celular e reserva da mercadoria. Com o nascer do Sol, a bancada de venda foi aberta e os produtos foram sendo colocados. As bananas foram dispostas na bancada e estavam meio verdes, o que não agradou os consumidores e foi pouco vendida, depois o agricultor Jurandir ensacou as mandiocas que estavam na água e a vivente Rafaela ensacou os limões e os quiabos e estes foram colocados na bancada. Os sabugos de milho foram descascados pelo Jurandir e também ensacados.

O movimento até as 10h30 foi mais agitado com o maior número de clientes, e após esse horário, as compras diminuíram consideravelmente até o horário do almoço, ficando bem baixa a movimentação. Segundo o Jurandir, a feira de domingo tem maior retorno financeiro que a de sábado devido a feira principal da cidade que ocorre naquela rua aos domingos. Os consumidores também são sempre os mesmos, pois eles já estabeleceram alguma confiança em relação a qualidade do produto do Jurandir, e há sempre, além da compra em si, diálogos e bate papo sobre a família e cotidiano. Outra feira que o Jurandir participa é a feira de Serra Azul. Entretanto, o baixo retorno dessa feira desmotivaram a feira lá. Tal situação é um problema encontrado também por outros agricultores do assentamento.

Figura 2: Estande dos produtos agroecológicos em Ribeirão Preto, tais quais mandioca, limão, abacate, banana, quiabo e milho.



3.2 FEIRA DE SERRA AZUL

Serra Azul é um município brasileiro do estado de São Paulo, localizado na Região Metropolitana de Ribeirão Preto e, de acordo com o último Censo demográfico (2010) do IBGE o município possui cerca de 11.256 habitantes. A feira acontece na praça Coronel Joaquim Cunha, no centro da cidade. A agricultora Neide foi acompanhada pela vivente Giovanna na feira de Serra Azul que contou com 5 barracas no total, todas de agricultores do Sepé, e diferentemente da feira de Ribeirão Preto, teve pouco movimento, logo a feira não foi lucrativa para nenhum dos agricultores que participaram dela.

Chamou a atenção o fato de que a variedade dos produtos de todos os agricultores envolvidos era pouca, levando basicamente os mesmos tipos de alimentos, como mandioca, banana e poucas variedades de outras frutas. Mas também é notável a boa organização e a padronização dos participantes envolvidos, todas as pessoas uniformizadas, com barracas padronizadas e bem organizadas e caderno para balanço das finanças. Outro fator importante a ser destacado é a falta de divulgação da qualidade dos produtos, era divulgado somente que a feira era de produtores rurais, mas nada se falou sobre os produtos serem orgânicos, agroecológicos ou agroflorestais.

Figura 3: Preparativo da estrutura do estande da feira em Serra Azul.



Figura 4: Armação da estrutura do estande.



Figura 5: Feira em Serra Azul.



4. FEIRAS AGROECOLÓGICAS NO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA

As feiras livres fazem parte do contexto da cidade e podem ser definidas como um comércio popular de rua regulamentado com organização própria de funcionamento. As feiras livres são realizadas durante a parte da manhã, onde a rua é fechada e os feirantes chegam de madrugada para a montagem da estrutura dos estandes em madeira e lona, os produtos dispostos e as vendas acontecem até o final da manhã e início da tarde ou por volta das 12 horas ou próximo do horário do almoço quando toda essa estrutura é desmontada e as ruas retornam à normalidade. Em cidades maiores, é comum o rodízio das ruas que acontecem as feiras e em cidades menores, elas também podem ser localizadas em praças ou no centro, mas normalmente, as feiras são encontradas em pontos movimentados e de grande fluxo de pessoas. Diferentemente do comércio convencional em grandes lojas e grandes centros comerciais que, segundo SILVEIRA, 2010, formam um oligopólio do circuito superior da economia no meio construído, as feiras podem ser identificadas como um fenômeno que surge criativamente nos circuitos não dominantes da economia pois dispõem de mobilidade para ocupação e reinvenção do espaço de comercialização e das relações socioeconômicas, reiterado também por SILVEIRA, 2010 com “face ao robustecimento do circuito superior novas formas de trabalho – criativas e imitativas – despontam no circuito inferior, buscando satisfazer demandas menos solváveis.”

Na Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana elaborada pelo professor e geógrafo Milton Santos, a cidade é a base material dos diversos circuitos de produção e consumo - superiores, marginal superiores ou inferiores - e constituída por divisões do trabalho realizadas com técnicas e formas de organização diversas num mesmo espaço geográfico e de acordo com SANTOS, 1994 e SILVEIRA, 2010, a ocorrência dos dois circuitos é simultânea, diferenciada apenas pelos graus de alcance capital e influência na economia global.

Daí a idéia de que a cidade é a relação dialética e indissociável entre o circuito superior e o circuito inferior, cujas localizações e tarefas se diferenciam pelos graus de capital, tecnologia e organização (SANTOS, 1975; SANTOS, 1994; SILVEIRA, 2007 apud SILVEIRA, 2010).

O circuito inferior surge então como proposta das demandas de serviços não modernos e de comércios pequenos, que são suprimidas no circuito superior. Vide exemplos nas cidades, podemos destacar as próprias feiras livres, barraquinhas, camelôs, pequenos comércios e lojas, que despontam outras relações, divisões de trabalhos e fluxos econômicos de alcance em menores escalas além da criação de oportunidades de trabalho para a população local e bens e serviços com menor valor agregado.

As relações trabalhistas propostas pelo circuito inferior são mais flexíveis que as do circuito superior, dando autonomia de produção, venda, regulação de preços e horário para os vendedores. Tal autonomia para o agricultor assentado reflete no plantio de alimentos da época e menor interferência na produção natural rural, além dos vínculos estabelecidos entre o vendedor e seu consumidor por meio das pechinchas, acordos de preço, parecer sobre a qualidade dos alimentos proporcionando um ambiente mais íntimo e próximo no ato de compra e venda desses produtos.

Todo esse processo vai de encontro ao mercado predominante de alimentos processados e com agrotóxicos e ao circuito superior de economia urbana das redes de supermercados e hipermercados já discutidos, uma vez essas outras formas de consumo e produção de alimentos mais saudáveis e sustentáveis além do espaço para as pequenas economias se estabelecerem promove a resiliência de pequenos atores entre as práticas

dominantes impostas pelo capital, dado que segundo o Censo Agropecuário de 2006, a agricultura familiar produz 87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz e 21% do trigo do Brasil. Na pecuária, é responsável por 60% da produção de leite, além de 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos do país. E segundo a FAO, “agricultura familiar possui, portanto, importância econômica vinculada ao abastecimento do mercado interno e ao controle da inflação dos alimentos consumidos pelos brasileiros.”

CONCLUSÃO

É de suma importância as práticas de vivências realizadas no assentamento para que os participantes venham a ter um maior conhecimento do dia a dia da vida de um agricultor assentado, imergindo nos seus trabalhos e dificuldades para com a produção, comercialização e escoamento final dos bens produzidos. Destaca-se também a importância em um maior investimentos na infraestrutura e divulgação das feiras, visto o impacto dessas nos circuitos inferiores da economia urbana e as demandas econômicas dos agricultores.

Além disso, as prática de feiras agroecológicas mostram-se como alternativa de consumo de alimentos mais saudáveis e atuam como uma proposta de comercialização de produtos dos agricultores de assentamento agrário. O reconhecimento da influência dessas ações agroecológicas e reformadoras na sociedade abrem espaço a práticas mais sustentáveis de produção e de resistência em meio às condições reinantes no campo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABA AGROECOLOGIA. Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia. 2015. 12p. Acesso em 20 de maio de 2018. Disponível em <http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/05/Estatuto_ABA_2015.pdf>

BRASIL. Lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003. **Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá providências.** Brasília, DF, dez 2003.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **O que é agricultura familiar.** Acesso em 24 de maio de 2018. Disponível em <<http://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/454156/>>

IBGE. Panorama Ribeirão Preto. 2017. Acesso em 23 de maio de 2018. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto/panorama>>

_____. Panorama Serra Azul. 2017. Acesso em 23 de maio de 2018. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/serra-azul/panorama>>

PRADO Jr. Caio. A Questão Agrária no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2000. Capítulo: Nova contribuição para a análise da questão agrária no Brasil

Prefeitura da Cidade Ribeirão Preto. **Relação dos Locais de Feira Livre de Ribeirão Preto.** Acesso em 25 de maio de 2018. Disponível em <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/sfazenda/i30feiralivre.php>>

SANTOS, M. **Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos.** 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVEIRA, M. L. **Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana.** In: Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, Porto Alegre, 2010.

SOUZA, S. L.; SANTOS, C. C. **A pobreza e os dois circuitos da economia urbana: reflexões teóricas.** In: Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória, 2014.